

“Entrelugares” identificados numa experiência de intercâmbio universitário na Itália¹

Clara de Freitas Figueiredo*

Reinaldo Matias Fleuri**

Resumo

No âmbito do projeto de pesquisa “Elaboração de subsídios teórico-metodológicos para a educação intercultural”, a bolsista IC, estudante de pedagogia (UFSC), realizou um estágio de intercâmbio acadêmico na Universidade italiana Roma Tre e no projeto Aquilone, durante o primeiro semestre de 2007. Buscou compreender o caráter multidimensional e complexo de experiências educativas realizadas na interação entre sujeitos e movimentos sociais de identidades culturais diferentes, de modo a colaborar para a elaboração de referenciais teórico-metodológicos para a Educação Intercultural. A atuação no espaço “inter”, no “entrelugar” entre duas ou mais culturas, particularmente em processos migratórios, permitiu identificar a diferença de enfoque da educação intercultural, entre os países do norte e do sul; a sua eminente importância como mediadora das relações dos imigrantes com os autóctones; a importância da utilização de processos de trocas culturais, interculturais para a desesteriotipização, descolonização cultural e (des)subalternização.

Palavras-chave: Educação Intercultural. Intercâmbio Universitário. Experiências Formativas.

* chiarinh@gmail.com

** rfleuri@terra.com.br

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho se trata de uma pesquisa desenvolvida no primeiro semestre de 2007, na qual, no âmbito do projeto de pesquisa “Elaboração de subsídios teórico-metodológicos para a educação intercultural”², a estudante de Pedagogia da UFSC³ realizou, por meio de intercâmbio acadêmico na Universidade italiana Roma Tre, um estágio no projeto *Aquilone*. Estágio este que, pertencendo a um projeto maior sobre a Educação Intercultural, constituiu uma investigação na busca por compreender como poderia ocorrer na prática o caráter multidimensional e complexo de experiências educativas realizadas na interação entre sujeitos e movimentos sociais de identidades culturais diferentes. (GOHN, 1997; SADER, 1988; SCHERER-WARREN, 1999).

A análise da prática educativa do projeto foi mediada pelos conceitos de entre-lugar, e desconstruções de subalternidades, por compreender ao longo do estágio que esses dois conceitos poderiam muito bem traduzir as intenções e os caminhos que o projeto buscava seguir, já visto que o projeto *Aquilone* pode ser compreendido como um possível “entre-lugar” (BHA-BHA, 1998), “brecha” que permite desestereotipizações, desconstruções de subalternidades,⁴ possíveis soluções ao problema crucial da Educação Intercultural Européia e Italiana.

2 O PROJETO AQUILONE

O projeto *Aquilone*⁵ é viabilizado pelo *Movimento di Cooperazione Educativa* (MCE), e pelo Centro de Educação e de Evangelização Popular (Cedep), envolvendo 11 realidades educativas ao longo do território italiano⁶ e três na cidade de Florianópolis⁷, Brasil. Desde 1991, tal projeto vem intermediando relações educativas, colocando em relação a classe média e baixa italiana com grupos de periferia catarinense, objetivando:

- a) superar a relação Norte/Sul, a contraposição entre reciprocidade e solidariedade;

- b) contribuir na asseguarção e na continuidade da intervenção educativa na realidade brasileira do projeto;
- c) realizar, no Brasil e na Itália, percursos didáticos e metodológicos interculturais;
- d) ativar uma relação entre as duas infâncias, italiana e brasileira;
- e) promover a formação adulta sobre as temáticas relativas à intercultura e cooperação;
- f) sustentar um comportamento cooperativo não apenas entre Itália e Brasil, mas, também, entre diversas realidades da rede.

Meu contato ocorreu mediante observação direta e participação de cada singular realidade do projeto *Aquilone*; leitura e revisão da documentação relativa ao projeto; análise dos registros da troca entre as duas infâncias e encontro e entrevista com representantes e sujeitos envolvidos.

3 O BRASIL É UM AQUILONE, A ITÁLIA É UMA PIPA

O projeto se baseia em um ideal de educação fortemente relacionado a conceitos de cooperação e interdependência. Conceitos que hoje são muitas vezes colocados a serviço da educação intercultural, a qual conta com processos de cooperação e interações na contratendência dos empurrões contínuos, que, mesmo disfarçados com discursos de respeito à diversidade, e aceitação das várias culturas e mesmo de educação multicultural, levam ao racismo, à indiferença, a relações as quais, por vezes, são frutos de um mal-estar social⁸ generalizado, que no seu desconforto busca fora de si um inimigo a ser responsabilizado, culpado.

Nesse sentido, ele constitui uma forma de não somente atuar localmente (na sociedade italiana e na sociedade brasileira) mediando os problemas de encontros/confrontos interculturais, mas, também, globalmente, como resposta aos fenômenos de intolerância e de bloqueios em relação às diferenças⁹ do outro.

Na sua vertente italiana,¹⁰ tal processo vem a ser possibilitado não apenas pelo projeto em suas trocas culturais de trazer à rede escolar, esta-

tal italiana,¹¹ saberes, manifestações culturais, vulgarmente considerados “marginais”.¹² Mas também por propiciar na esfera do “imaginário coletivo” a desconstrução de estigmas, de relações de poder e sobreposições culturais. Processo esse de extrema importância, não somente por possibilitar a desconstrução de visões unilaterais e xenofóbicas, mas por, mediante subjetivas construções identitárias, poder possibilitar no subalterno¹³ a desconstrução do seu sentimento de inferioridade.¹⁴

4 EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Sendo usado desde os anos 1980, conforme Falteri (1998), o termo Intercultura veio na tentativa de superação e alargamento do que se pretendia aportar com o multiculturalismo. De “origem anglo-saxônica”, para muitos estudiosos, o multiculturalismo pode ser exemplificado como uma máscara dos novos processos de guetização e subalternização, desenvolvidos em países como os Estados Unidos da América, ao lidar com a intensificação migratória,¹⁵ dada a “força de trabalho provisória” (SAYAD, 1998), intensificado com o advento da Revolução Industrial.

Logo, se o multiculturalismo reconhecia a coexistência de diferentes culturas em um mesmo espaço, a intercultura, pretende não somente reconhecer essas diferenças, como possibilitar diálogos entre (“inter”) elas, o que essencialmente não contém propostas de assimilação ou eliminação, não significando que ocorra sempre de forma harmônica, mas, buscando ser uma tentativa de convivência relativamente pacífica, sem necessidade de sobreposições culturais, processos de subalternizações ou “colonização” das minorias.

Segundo Fleuri (1998), a educação intercultural ultrapassa a perspectiva multicultural quando:

[...] propõe uma relação que se dá, não abstratamente, mas entre pessoas concretas. Entre sujeitos que decidem construir contextos e processos de aproximação, de conhecimento recíproco e de interação. Relações estas que produzem mudanças em cada indivíduo, favorecendo a consciência de si e reforçando a própria identidade. Sobretudo, promovem mudanças estruturais nas relações entre grupos. Estereótipos e preconceitos –

legitimadores de relações de sujeição ou de exclusão – são questionados, e até mesmo superados, na medida em que sujeitos diferentes se reconhecem a partir de seus contextos, de suas histórias e de suas opções.

Nesse sentido, Susi (2003), identificando no espaço escolar terreno ideal para a educação intercultural, afirma que:

A escola é um dos lugares mais nevrálgicos para a construção de uma interculturalidade possível: um lugar em que o novo paradigma da interdependência, com a contribuição dos saberes necessários, seja compreendido, estudado, assimilado e no qual seja possível modificar a leitura da realidade no sentido crítico e leal.

Afirmar esta que, mediada pelo conceito de entre-lugares de Bhabha, anuncia o projeto de Cooperação educativa *Aquilone*, enquanto um entre-lugar que possibilita a “[...] elaboração de estratégias de subjetivação que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade.”

5 CONCLUSÃO

O projeto de Cooperação Educativa *Aquilone* é entendido como um propiciador de uma desconstrução de subalternidades, espaço de trocas interculturais, de imersões de entre-lugares. Acontecendo, no caso italiano, no interior de escolas, por meio de suas trocas entre culturas, mesmo que inicialmente o projeto se limite à relação Brasil-Itália, este no seu desenrolar vai se estendendo para a emergência de inter-relações entre outras culturas. Traz à tona, por meio de trocas de correspondências, de trocas de professores, entre a rede italiana e a brasileira, de projetos, de trocas culturais, sejam elas festas típicas, brincadeiras tradicionais, histórias de vida, lendas e mitos entre muitas outras, a existência do confronto cultural, da existência de outras culturas, a percepção de um hibridismo¹⁶ identificável

com a percepção de influências e marcas de uma cultura na outra e também a compreensão que “[...] l’altro giudicato “diverso” è diverso come è diverso quel compagno di classe seduto accanto a te, e che questo diverso stimola e arricchisce”.¹⁷

Assim, conclui-se este trabalho, mediatizado por uma compreensão da educação como um processo de construção coletiva, plurilateral e social, como enfatiza Paulo Freire (1996), “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” Percebe-se a necessidade da construção de processos de relações interculturais, de identificações e atuações em “entre-lugares”, uma vez que se constata sua possibilidade, por meio do estudo de experiências em andamento, como é o caso do projeto discutido até então. Experiência esta que, mesmo possuindo inúmeras debilidades,¹⁸ mostra-se viável e eficiente na busca de novos diálogos, do rompimento de fronteiras culturais, de entre-lugares que nos permitam ver de outras formas, de uma sociedade menos opressora e estigmatizante, de romper com suas verdades únicas, suas certezas, sua cultura considerada como “certa”, suas morais incutidas das “pontas dos cabelos às unhas dos pés”.

“Entre lieux” identifiés dans une expérience d’échange universitaire en Italie

Résumé

À travers du projet de recherche intitulé « Élaboration de ressources théorique-méthodologiques pour l’éducation interculturelle », la boursière IC, étudiante en pédagogie à l’Université Fédérale de Santa Catarina (UFSC), a réalisé un stage en échange universitaire à l’Université italienne Roma Tre et dans le projet « Aquilone », ce stage a eu lieu en 2007 pendant le premier semestre. On a cherché comprendre le caractère multidimensionnel et complexe des expériences éducatives réalisées dans l’intération entre sujets et mouvements sociaux d’identités culturelles différentes, afin de collaborer pour l’élaboration de références théorique-méthodologiques en Éducation Interculturelle. La représentation dans l’espace « inter », dans l’« entrelugar » entre deux ou plusieurs culturelles, spécifiquement dans les proces-

sus migratoires, nous a permis d'identifier les différents égards, en ce qui concerne l'éducation interculturelle, entre les pays du nord et du sud. Il est notable son éminente importance comme médiatrice de relations entre les immigrants et les autochtones. Par ailleurs, l'importance de l'utilisation de processus d'échanges culturels, interculturels pour la « destéréotypisation », « décolonisation » et (des)subordination.

Mots-clés: Education Interculturelle. Echange Culturel Universitaire. Experiences Formatives.

Notas explicativas

¹ O presente trabalho foi apresentado no II Congresso Internacional Cotidiano - diálogos sobre diálogos, 2008, Rio de Janeiro. Anais do II Congresso Internacional Cotidiano - diálogos sobre diálogos, 2008. v. 1.

² Projeto apoiado pelo CNPq, no período de 2004 a 2007.

³ Clara de Freitas Figueiredo era bolsista de I.C. do projeto “Elaboração de subsídios teórico-metodológicos para a Educação Intercultural”, que é vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Educação Intercultural e Movimentos Sociais, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina.

⁴ Esse conceito é explicado por Nadir Azibeiro, (2005, p. 69), em sua tese “Educação Intercultural e Comunidades de Periferia: limiares de formação de educador@s”, na qual aduz que: “[...] desconstruir subalternidades, assim, não vai significar ignorá-las, negá-las e nem mesmo parar na simples inversão de posições [...] desconstruir a relação de subalternidade é transformá-la em relação de reciprocidade, não como um pacífico, conciliador e amorfo face a face, mas como potenciação dos paradoxos, das contradições, explodindo na construção de significados e processos de subjetivação diversos dos habituais, por que plurais, polissêmicos – implicando muitas vezes a transgressão, ou subversão, significada como crítica e mudança de modos de entendimento e ação.”

⁵ A tradução da palavra *Aquilone* para o português seria Pipa, nome usado para a face brasileira desse projeto.

⁶ Scuola primaria “S. Martino” – Ferrara; Scuola primaria “G. Galilei” – Pistoia; Scuola primaria “Boccaccio” – Firenze; Scuola primaria “Trento e Trieste” – Roma; Scuola primaria “Raimondi” – Roma; Scuola media “L.

⁷ Oficina do Saber; Casa da Criança e do Adolescente; Centro social Marista – Mont Serrat.

⁸ Mal-estar este que pouquíssimas vezes tem relação com a presença do diferente, com os fluxos migratórios, mas que são próprios da nossa sociedade vazia, consumista e massacrante, que não só se baseia em relações de explorações econômicas,

como em contínuas construções de subalternidades culturais, sociais e coloniais, clássicas relações de poder, opressor-oprimido.

⁹ A utilização do termo diferenças Culturais em substituição do termo diversidades culturais, dá-se por compartilhar do conceito de Bhabha, que defendendo tal terminologia afirma que: “[...] a diferença cultural é uma categoria enunciativa, não se atendo a noções relativistas ou ao exotismo da diversidade cultural” (BHABHA, 1998, p. 97).

¹⁰ Local privilegiado nesse estágio.

¹¹ Cabe ressaltar, o papel histórico da escola como lócus de transmissão da cultura, dos saberes, aceitos e valorizados socialmente, trucidando as demais culturas e saberes. Mantendo sempre um status quo, que conserva um dominante e inúmeros oprimidos.

¹² O trazer à escola saberes e manifestações culturais tidas como marginais, pode ser uma resposta a fenômenos, que constantemente nos são postos, de intolerância e de bloqueios em relação ao outro diferente. Acirrando-se quando a diferença cultural se soma, principalmente no mundo ocidental, à tradição de exploração econômica e colonização cultural. Como seria o caso do Brasil.

¹³ Nesse sentido este subalterno encontra-se dentro da própria sala de aula italiana, são os inúmeros emigrantes, ou descendentes de emigrantes, que são frequentemente discriminados no cotidiano escolar.

¹⁴ Segundo Paulo Freire, os oprimidos introjetam a figura do opressor; assim Boff (1997, p. 18-19), na mesma perspectiva chega a afirmar que “[...] para libertar o país, precisamos, antes de tudo liberar a consciência do povo.”

¹⁵ Sayad, ao definir o que é um imigrante, afirma que “[...] um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, provisória, temporária e em trânsito.” (SAYAD, 1998, p. 54).

¹⁶ Cancline (2003), ao comentar sobre as hibridações, aponta que hoje todas as culturas são de fronteiras, ou seja, não é mais possível classificar uma cultura como “pura”. Bhabha entende o hibridismo como algo fluído, deslizante, cambiável: “[...] o híbrido não é espaço de sínteses, mas da ambivalência.” (BHABHA, 1998, p. 347).

¹⁷ Afirmação dada em uma entrevista que fiz à diretora da Scuola primaria Statale 2 Circolo “Monte Grappa”, no início de 2007. Nesta, falando sobre o projeto *Aquiline* ela afirma ser este uma possibilidade de ver que “[...] o outro julgado diferente, é diferente como o companheiro de sala sentado ao lado, e que esse diferente estimula, enriquece.”

¹⁸ Debilidades estas não enunciadas ao longo do trabalho por falta de tempo/espaço e por não condizer com a proposta de discussão selecionada.

REFERÊNCIAS

AZIBEIRO, Nadir Esperança. **Educação intercultural e comunidades de periferia**: limiares da formação de educador@s. 2006. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

BHABHA, Home K. **O local da Cultura**. Tradução Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano-compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

FALTERI, Paola. Interculturalismo e cultura no plural. In: FLEURI, R. M. (Org.). **Intercultura e movimentos sociais**. Florianópolis: Mover, NUP, 1998.

FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). **Intercultura e movimentos sociais**. Florianópolis: Mover, NUP, 1998.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas**: “estratégias para Entrar e Sair da Modernidade”. Tradução de Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo, 2003. (ensaios Latino-americanos,1).

_____. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Ed. da USP, 1997.

GOHN, M. da G. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos.** São Paulo: Loyola, 1997.

SADER, E. **Quando novos personagens entram em cena.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SAYAD, Abdamalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade.** Prefácio Pierre Bourdieu. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Ed. da USP, 1998.

SCHERER-WARREN, I. **Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização.** São Paulo: Hucitec, 1999.

SUSI, F. (Org.). **Come si è stretto il mondo.** L'educazione interculturale in Italia e in Europa: teorie, esperienze e strumenti. Roma: Armando, 2003.